

**PEDRO TIERRA**



# Filho da democracia

Marcus Prudenciano, Raissa Barbosa,  
Maria Eduarda Marques e Laura Bueno (Orgs.)



Filho  
da  
Democracia



Laura Ribeiro Bueno, Marcus Vinicius P. Corgosinho,  
Maria Eduarda M. Ruela e Raissa Maria B. Costa  
(Orgs.)

## Filho da Democracia

Pedro Tierra

D I Z E R  
L E T R A  
F A L A R  
C R I A R  
A R T E S

Copyright © 2023 by Laura Ribeiro Bueno, Marcus  
Vinicius P. Corgosinho, Maria Eduarda M. Ruela e  
Raissa Maria B. Costa.

Coordenação  
Letícia Santana Gomes

projeto de livro experimental desenvolvido no segundo  
semestre de 2023, na disciplina Introdução à Editoração,  
do curso de Letras da Universidade Federal de Alfenas –  
Unifal-MG.

ISBN: 978-65-982179-0-7

Universidade Federal de Alfenas- UNIFAL-MG  
R. Gabriel Monteiro da Silva,700- Centro, Alfenas- MG

**D I Z E R  
L E T R A  
F A L A R  
C R I A R  
A R T E S**

O projeto de extensão **DELAS** – Editora Laboratório de Letras – materializa um laboratório experimental, de cunho pedagógico, a funcionar como vitrine para as atividades desenvolvidas nos cursos de Letras da Universidade Federal de Alfenas. Trata-se, portanto, de um selo editorial vinculado à editora universitária. Coordenação: Letícia Santana Gomes e Izabel Diniz.

**PROFESSORA COORDENADORA**

Prof. Dra. Letícia Santana Gomes

**DISCIPLINAS**

Introdução à Editoração

Revisão e Editoração de Textos

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas  
Biblioteca Central – Campus Sede

Tierra, Pedro.

Filho da Democracia / Pedro Tierra; Organizadores:  
Laura Ribeiro Bueno, Marcus Vinicius P. Corgosinho, Maria  
Eduarda M. Ruela, Raissa Maria B. Costa. – Alfenas-MG : Editora  
Unifal-MG, 2024.

56 p.

SBN: 978-65-982179-0-7 (E-book) (Selo Delas)

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia. I. Bueno, Laura Ribeiro  
(org.). II. Corgosinho, Marcus Vinicius P. (org.). III. Ruela, Maria  
Eduarda M. (org.) IV. Costa, Raissa Maria B. (org.). V. Título.

CDD- B869.91

Ficha Catalográfica elaborada por  
Marlom Cesar da Silva Bibliotecário-Documentalista CRB6/2735



EDITORIAL

Diretor: José Francisco Xarão  
Editora-chefe: Marilsa Aparecida Mota

Editor Adjunto: Mauro Sérgio P. Gouvêa  
Assistente Editorial: Carolina Gomes

## Introdução

Nós, Raissa, Maria Eduarda, Laura Ribeiro e Marcus Vinicius, estudantes de Letras Português da Universidade Federal de Alfenas, matriculados na disciplina Introdução à editoração ministrada pela professora Letícia, construímos este livro a fim de apresentar uma perspectiva atualizada de um dos maiores poetas brasileiros, do qual muitos da nossa geração ainda não tiveram contato. É um livro de poemas de luta, resistência, resiliência e que sobretudo demonstram a força do povo brasileiro destacado em vários de seus versos.

Hamilton Pereira da Silva é um lutador do povo, aos 24 anos largou os estudos para se dedicar à luta contra a ditadura militar brasileira, foi preso e torturado pelo Exército brasileiro, onde foram-lhe retiradas suas canetas e papéis, impedindo-o também de sua comunicação com qualquer pessoa. Hamilton começa a escrever seus primeiros versos ainda preso, durante um intervalo de um interrogatório, pegou um lápis da mesa de um interrogador e usou o verso de uma caixa de cigarro para falar de sua luta e sua dor em forma de versos. Conseguiu enviar os poemas para fora do presídio, para serem publicados clandestinamente na Itália, e aí nasce o pseudônimo Pedro Tierra. Com a vitória do povo e da democracia ao fim da ditadura militar, Pedro segue sua militância pelos direitos humanos e é um pujante defensor da democracia brasileira e da América Latina.

Seus textos refletem sua luta, perseverança e resiliência, que trazem nas linhas a violência de um Brasil dita-



torial, e, em seus versos, a força e resistência de um povo que sonhava em ser livre, com poemas que refletem o Brasil e sua desigualdade ao longo do tempo. São, portanto, poemas atuais e aqueles escritos durante a ditadura.

## Os Filhos da Paixão

Nascemos num campo de futebol.  
Haverá berço melhor para dar à luz uma estrela?  
Aprendemos que os donos do país só nos ouviam  
quando cessava o rumor da última máquina...  
quando cantava o arame cortado da última cerca.  
Carregamos no peito, cada um, batalhas incontáveis.  
Somos a perigosa memória das lutas.  
Projetamos a perigosa imagem do sonho.  
Nada causa mais horror à ordem  
do que homens e mulheres que sonham.  
Nós sonhamos. E organizamos o sonho.  
Nascemos negros, nordestinos, nisseis, índios,  
mulheres, meninas de todas as cores,  
filhos, netos de italianos, alemães, árabes, judeus,  
portugueses, espanhóis, poloneses, tantos...  
Nascemos assim, desiguais, como todos os sonhos  
humanos.  
Fomos batizados na pia, na água dos rios, nos  
terreiros.  
Fomos, ao nascer, condenados a amar a diferença.  
A amar os diferentes.  
Viemos da margem.  
Somos a antissinfonia  
que estorna da estreita pauta da melodia.  
Não cabemos dentro da moldura...  
Somos dilacerados como todos os filhos da paixão.

Briguentos. Desaforados. Unidos. Livres:  
como meninos de rua.  
Quando o inimigo não fustiga  
inventamos nossas próprias guerras.  
Desenvolvemos um talento prodigioso para elas...  
Com nossas mãos, sonhos, desavenças compomos  
um rosto de peão,  
uma voz rouca de peão,  
o desassombro dos peões para oferecer ao país,  
para disputar o país.  
Por sua boca dissemos na fábrica, nas praças, nos  
estádios  
que este país não tem mais donos.  
Em 84 viramos multidão, inundamos as ruas,  
somamos nosso grito ao grito de todos,  
depois gritamos sozinhos  
e choramos a derrota sob nossas bandeiras.  
88. Como aprender a governar,  
a desenhar em cada passo, em cada gesto,  
a cada dia a vida nova que nossa boca anunciou?  
89. Encarnamos a tempestade.  
Assombrados pela vertigem dos ventos que  
desatamos.  
Venceu a solidez da mentira, do preconceito.  
Três anos depois, pintamos a cara como tantos  
e fomos pra rua com nossos filhos  
inventar o arco-íris e a indignação.  
Desta vez a fortaleza ruiu diante dos nossos olhos.  
E só havia ratos depois dos muros.  
A fortaleza agora está vazia  
ou povoada de fantasmas.

O caminho que conduz a ela passa por muitos lugares.

Caravanas: pelas estradas empoeiradas,  
pela esperança empoeirada do povo,  
pelos mandacarus e juazeiros,  
pelos seringais, pelas águas da Amazônia,  
pelos parreirais e pelos pampas, pelos cerrados e  
pelos babaçuais,  
mas sobretudo pela invencível alegria  
que o rosto castigado da gente demonstra à sua  
passagem.

A revolução que acalentamos na juventude faltou.  
A vida não. A vida não falta.

E não há nada mais revolucionário que a vida...  
Fixa suas próprias regras.

Marca a hora e se põe diante de nós, incontornável.  
Os filhos da margem têm os olhos postos sobre  
nós.

Eles sabem, nós sabemos que a vida não nos  
concederá outra oportunidade.

Hoje, temos uma cara. Uma voz. Bandeiras.  
Temos sonhos organizados.

Queremos um país onde não se matem crianças  
que escaparam do frio, da fome, da cola de  
sapateiro.

Onde os filhos da margem tenham direito à terra,  
ao trabalho, ao pão, ao canto, à dança,  
às histórias que povoam nossa imaginação,  
às raízes da nossa alegria.

Aprendemos que a construção do Brasil

não será obra apenas de nossas mãos.  
Nosso retrato futuro resultará  
da desencontrada multiplicação  
dos sonhos que desatamos...

S. Paulo, 1994

## Os invisíveis

Anoitecera o país.

E a noite nos reuniu em volta da forja.

Por anos, atados ao ritmo seco das máquinas.

E já não éramos apenas

os ferreiros que manejavam o fole;

nem os artesãos de obscuras oficinas:

fomos multiplicados pela noite,

aos milhares, na linha de montagem,

invisíveis dentro do uniforme azul.

Anoitecera o país.

E a noite nos dispersou como sementes,

no bico dos pássaros migradores

– envenenados por esse doce travo de esperança –

lançadas ao lombo de ventos e tempestades.

E, noturnamente, germinamos em terra alheia...

Anoitecera o país.

E a noite dissolveu os versos que cantávamos,

denunciando a dor e a sombra,

para nos reduzir a uma nação de mudos.

Mas, tecemos com as pontas dos dedos

a rede de rendas que sustentou

a vertigem dos sonhos

e converteu em gesto

a canção ao ouvido sussurrada...

Amanhecemos o país.  
E porque amanhecemos o país  
é possível distinguir as cicatrizes  
e sombras que carregamos no corpo e na alma  
marcada a ferro pela força  
ou pela sutil habilidade  
de quem nos coube combater.

Amanhecemos o país.  
Recriamos o espaço das ruas.  
Ainda sitiados pelo silêncio,  
escrevemos no muro a palavra  
que sangrava em nossa boca.  
Das línguas de terra que cultivamos  
entre a cerca e a morte no asfalto,  
ocupamos a terra ociosa  
e sentamos à mesa dos palácios:  
e perdemos a inocência.

Onde se ocultam os cordões da rede tecida  
pelos sonhos de Dorcelina Folador  
ou pelo quotidiano humilde  
moldado no barro pelas mãos de Margarida Alves?  
Quem, a essa hora, pode alumiar  
a pedra que guarda a memória dos nomes  
em nome de quem desembarcamos aqui?

2007

## Sobre o exercício do silêncio

*Para Marilena Chani*

Tua fala. Meu silêncio.  
Tua fala fulgura na tela  
*da vénus platinada...*  
Meu silêncio se tece de assombros.  
E brilha como faca na indignação dos olhos  
que varam meus olhos nessa calçada  
de desalentos por onde transito  
entre a obscura multidão  
dos sustentadores da vida.

Nos diários, tua fala sitia. Cerca. Aniquila.  
Pés no chão como raízes,  
reorganizo meus silêncios  
sob a sombra dos teus fogos  
e acendo no coração da semente  
a surda condenação de renascer.

Onde dizes Duda Mendonça,  
voz que ordena cordeiros cegos,  
eu digo Carlito Maia:  
o nome da invenção e da rebeldia.

Onde dizes marketing:  
a mistificação industrial dos pesadelos,



eu digo Henfil:  
em nome da irreverência.  
Onde vendes sabonetes sorridentes,  
sorrisos close up esterilizados,  
eu exponho a renovadora estética  
dos sonhos que libertamos.

Onde vendes clips em slow motion,  
expondo a diáfana prenhez feminina,  
grito um verso quebrado, disforme  
pela garganta de Mano Brown.

E recupero entre os dedos  
os fios da história que teço,  
com os cordões de minhas veias  
e o sangue desatado onde bebo sob a lua,  
a memória e a narrativa dos meus passos.  
Recobro a fala e volto à linha de fogo.

2005

## Um par de sandálias para o peregrino

*Para Pedro Casaldáliga*

Um par de sandálias para o peregrino.  
Seja quem for o peregrino que nos vem.  
Um par de sandálias para proteger-lhe  
os pés da áspera pedra dos caminhos.  
Rústicas, recortadas em couro e utopias.  
Trabalhadas pelas mãos de perseguidos  
que lavram, na sombra a árdua matéria dos dias.

(Na larga história do tempo  
a noite, sem saber, foi condenada  
ao círculo perfeito da agonia:  
mãe e coveira da manhã anunciada.)

Recolhemos sonhos, dores, esperanças,  
polimos penas, tormentos, fúrias  
e o impulso elementar de liberdade  
que orientam os passos desses estranho peregrino.

Buscam o martírio? O martírio não se busca,  
se vive como se vive  
“la muerte que da sentido a mi vida...”  
Percorrerão o pó dos caminhos,  
a vasta cartografia do drama urdido  
pelos filhos do êxodo e da miragem.

Por nossas mãos que trabalharam  
o couro, a borracha, as fivelas,  
a fugitiva parcela de sonhos que cultivamos,  
as sandálias do peregrino vão palmilhar  
os desertos da alma, a dor e a impossível alegria do  
povo  
para oferecer o bálsamo da palavra  
e, quem sabe, os leites minados da lua  
para nutrir como seiva  
a esperança que nos mantém pulsando.  
E para repetir com ele:  
“me atengo a lo dicho: la esperanza”.

Presídio do Carandiru, 1974

## Nós, os primitivos

Fomos conduzidos ao pelourinho das palavras.  
Ao açoite público sob a luz impiedosa da tarde.  
Arrastados pelas ruas.  
Atados às patas dos cavalos.

O sangue, o sal, a carne em postas,  
exposta ao sol para o horror dos olhos:  
a aterradora pedagogia do medo  
gritando no alto dos postes da imensa Vila Rica.

De onde brota a sinistra raiz desse ódio?

Do édito

– que não concebe a recusa.

Dos punhos de renda

– que rejeitam a mão que a moenda mastigou.

Do senhor

– que não tolera o gesto insubmisso.

Da voz

– que arma a mão do feitor.

Essa que maneja a lava da palavra  
e dissolve com seu fogo os passos que cumprimos.  
Sonham, senhores e áulicos, nos converter em  
cinzas  
e nos lançar aos ventos definitivos.

Mas, dobramos a esquina e nos recompomos

na voz de um peão  
que ecoa a força dos séculos,  
na pedra da praça e nos redime.

Sitiados pelo silêncio  
– o silêncio aqui são os rios da palavra morta  
ditada à diário ante os nossos olhos –  
rompemos o submisso idioma do conformismo.  
Invadimos a terra cercada e os espaços do mando.

Recriamos o espaço das ruas  
(e das redes virtuais que a ordem não captura...)  
carregamos pelas ruas bandeiras de liberdade.  
Desafiamos o pelourinho.

Já não dobramos o dorso,  
já não baixamos os olhos.  
Com o corpo coberto de cicatrizes,  
portando estrelas no peito,  
nos olhos a invencível vocação de mar,  
nós, os primitivos,  
voltamos  
e somos milhões.

2006

## A medida do verso

Mergulho na indignação.  
Essa que incendiou cidades à noite passada.  
A que se derrama como um rio de planície,  
avesso a regras, margens, previsões.  
Mergulho no rio da indignação: para decifrá-lo.

Busco recobrar a remota humanidade  
que nutriu as metáforas com que lavrei  
o testemunho dos tempos que percorri.  
Para encontrar o verbo  
– o verso –  
fragmentado,  
capaz de dar conta  
da vertigem que nos assalta.

Que verso afinal definirá  
o contorno da vertigem?  
Talvez o relâmpago  
desses dias que nos cegam  
reclame um verso  
– precário instrumento de capturar espantos –  
que seja novo o suficiente  
para atribuir a ele o impulso  
de voar além  
dos árduos labirintos da razão...

Brasília, agosto de 2013.

## Nessa hora de cinzas...

*Para Apolônio de Carvalho*

Hoje, quando a primavera pública reclama  
teu corpo para manter acesa  
a explosão das flores e fecundar  
a vertiginosa aventura da vida,  
indago dos ipês deste setembro:  
“Vale a pena sonhar?”

E recolho nas sombras da memória  
onde oculto meus fantasmas  
a urgente caligrafia dos relâmpagos  
com que você redigiu sua resposta:  
“Vale a pena sonhar.”

Tardio, deixo sobre teu coração  
arado pelas batalhas do século,  
como a última folha  
do inverno que se despede  
para ceder ao broto  
– lágrima de lua nova –  
destilada pelo tronco  
durante o vasto sono dos cerrados,  
um verso antigo, dito em voz baixa,  
diante da luz maravilhada dos teus olhos.

Talvez já estivesse escrito  
– e não sabemos –  
pelas mãos invisíveis do poeta  
que nos habita o sangue,  
nos muros de uma cela na Rua da Relação;  
nas encostas do Vale do Ebro;  
numa esquina sombria de Toulouse ocupada;  
num calabouço da Barão de Mesquita  
ou nas páginas de um Livro da Atas, no Colégio  
Sion:

“Nessa hora de cinzas e sonhos devastados,  
recolher nas mãos aquela estrela  
que entre as dobras da sombra  
se revela  
e acender a metade humana  
que combate e combatendo recria,  
apaixonadamente,  
a utopia.”



## A gaiola virtual

Sobreviverá a razão ao instantâneo?  
À urgência implacável de viver  
e no mesmo relâmpago fotografar o vivido?

Estará a razão atada à palavra  
e mergulhamos sem volta  
na civilização da imagem  
e renunciamos  
de vez ao pensamento?

Fechamos a porta  
da gaiola circular  
que aboliu o passado e o futuro?

Essa gaiola virtual  
onde fomos encarcerados  
num presente contínuo,  
que não escapa de si mesmo,  
condenado vertiginosamente  
a repetir-se?

Brasília, agosto 2013.

## Nós somos a cidade

A cidade se move. Bruta.  
Como um sangue novo,  
envenenado por maciças doses  
de esperanças,  
forçando a esclerose das veias.

A cidade se bate contra  
as paredes da cidade.  
A cidade fere.  
A cidade vai parir outra cidade?

Os muros da cidade gritam  
um silêncio líquido que escorre  
e se prolonga  
pichado sobre tijolos nus

ou impressos na retina da classe  
de gente que passa,  
indiferente,  
em busca do trabalho,  
na manhã seguinte.

Sangram os muros da cidade  
os hieróglifos indecifráveis  
dos desejos explosivos da cidade.

A cidade foi capturada  
pelos inimigos do horizonte.  
Pelos que roubam definitivamente  
o horizonte  
dos construtores da cidade.

A cidade se submeter?

A cidade acende fogueiras  
para anunciar  
a idade dos incêndios...

Brasília, agosto de 2013

## Um Grito Verde que anda

*Para Chico Mendes*

Era vermelho, desde sempre,  
o sangue do verde sonho...  
ouvimos numa tarde de dezembro  
quando se calou sua voz  
e soubemos, que certas vozes  
só são ouvidas quando se calam...

*(Francisco. Chico. Chico Mendes.  
Seringa. Seringueiro. Seringal.  
Legião de homens e sonhos.  
Verde rompendo o verde.  
Punhal aceso na memória  
da água, da pedra, da madeira.  
Dos homens?  
A sumaúma, a seringueira,  
a pedra do Monte Roraima,  
o sangue que mina do tronco  
nos seringais de Xapuri indagam:  
por onde anda a sombra exilada  
de Chico Mendes?  
Organizador dos ventos gerais  
que combatem depois das cercas,  
de todas as cercas da terra...  
Chico: um grito verde que não cessa.) (Dez, 1988)*

O estampido ecoou em torno do planeta  
como se desatasse a idade dos limites.  
E percebemos que havia um planeta a cuidar.  
E mirando no espelho de nossa dor  
entendemos – tardiamente – que certas vozes  
são melhor ouvidas quando se calam...

À medida que o tempo afasta o estampido  
torna mais clara a palavra deixada sobre o ladrilho:  
“Então, eu quero viver”...  
Ainda que a vida me falte...

Prolongo no tempo a voz que se despede:  
vem navegar comigo as veias do continente,  
onde o fogo converte o verde em carvão,  
onde se fervem metais  
e se abandonam crateras lunares,  
onde se destrói o desconhecido.

Amazônia: esse desconhecido,  
nos envolve, cerca, sitia,  
desafia a remota sensibilidade  
que nos resta: serei o último lugar  
do planeta onde a humanidade  
pode ainda traçar seu destino comum  
ou sucumbir...

Será vermelha a seiva  
que sustenta a árvore deste sonho  
que só nos abandona quando dormimos...

Brasília, dezembro 2008, vinte anos depois.

## Uma canção para 24 de janeiro

(à maneira dos cantadores nordestinos)

Onde eles dizem paz,  
eu digo Justiça.

Onde eles dizem Justiça,  
eu digo caça.

Onde exibem convicções,  
exijo provas.

Onde impõem silêncio,  
entoo canções.

Enquanto lustram algemas,  
invento caravanas.

Onde defendem mercado,  
afirmo pátria.

Onde dizem casta,  
afirmo classe.

Onde erguem o Tribunal,  
convoco a praça.  
Onde dizem ordem,  
eu digo Liberdade!

Não me venham com crepúsculos  
que chego armado de auroras  
para reacender as cinzas  
do nosso vasto coração...

Brasília, estação das chuvas e do plantio, 2018.

## 500 anos esta noite

De onde vem essa mulher  
que nos bate à porta 500 anos depois?  
Reconheço esse rosto estampado  
em pano e bandeiras e lhes digo:  
vem da madrugada que acendemos  
no coração da noite.

De onde vem essa mulher  
que bate às portas do país dos patriarcas  
em nome dos que estavam famintos  
e agora têm pão e trabalho?  
Reconheço esse rosto e lhes digo:  
vem dos rios subterrâneos da esperança,  
que fecundaram o trigo e fermentaram o pão.

De onde vem essa mulher que apedrejam,  
mas não se detém,  
protegida pelas mãos aflitas do povo  
que invadiu os espaços de mando?  
Reconheço esse rosto e lhes digo:  
vem do lado esquerdo do peito.

Por minha boca de clamores e silêncios  
ecoe a voz da geração insubmissa  
para contar sob o sol da praça  
aos que nasceram e aos que nascerão  
de onde vem essa mulher.  
Que rosto tem, que sonhos traz?



Não me falte agora a palavra que retive  
ou que iludiu a fúria dos carrascos  
durante o tempo sombrio  
que nos coube combater.

Filha do espanto e da indignação,  
vem da luz do olhar que recusa a indiferença  
diante da fartura e da fome.  
Filha da liberdade e da coragem,  
escolheu o alarido das ruas,  
ao silêncio dos quartéis.  
Recortado o rosto e o riso como centelha:  
metal e flor, madeira e memória.

No continente de esporas de prata  
e rebenque  
o sonho dissolve a treva espessa,  
expões os cambaus, a brutalidade, o pelourinho,  
afasta a força que sufoca e silencia  
séculos de alcova, estupro e tirania  
e lança luz sobre o rosto dessa mulher  
que bate às portas do nosso coração.

As mãos do metalúrgico,  
as mãos da multidão inumerável  
moldaram na doçura do barro  
e no metal oculto dos sonhos  
a vontade e a têmpera  
para disputar o país.

Dilma se aparta da luz  
que esculpiu seu rosto  
ante os olhos da multidão  
para disputar o país,  
para governar o país.

Brasília, 31 de outubro de 2010.

## Em formato de estrela, uma oficina

Um lugar, uma oficina,  
onde malho no metal  
a lâmina de minha voz.  
Aqui aprendo na forja  
a força de minha força.

Aqui aprendo a reverência diante dos Orixás,  
e me curvo e beijo o pó,  
como ensinaram os avós.  
Aqui me atrevo a levantar os olhos  
e mirar a cara de quem me oprime.

Malungo! Malungo!  
Acorrentados no mesmo barco, somos travessia.  
Descalços, pisamos a pedra do cais do Valongo.  
Sou Angola: sobrevivi aos Tumbeiros,  
ao vasto Mar Tenebroso.  
A esse azul implacável, que esconde no sal,  
os tubarões brancos cevados na carne dos mortos.  
No mar, na moenda, no canavial, nas minas.

Escapei de 300 anos: correntes e cambaus.  
Arrasto nos tornozelos, conchas, miçangas  
e os ossos de meus pais.  
Sei porque entrei nessa roda de capoeira há 40  
anos..  
Este é o meu lugar!  
Porque fiz dele meu lugar.

Sem pedir licença!  
Com sonho e suor.

Sou Mina,  
antecipo nos búzios as armadilhas do destino.

Aqui é minha casa, em desenho de estrela.  
Aqui levantei meu terreiro de Santo.  
Aqui disponho com reza e dança,  
com dor e alegria e ternura e força,  
meus Orixás e meus crucifixos.

SOU POVO DE SANTO. SOU POVO DE  
SAMBA.  
SOU POVO DE RAP. SOU POVO DE FUNK.

À noite sou festa!  
De dia me movo pro ‘rala’ sob a mira de fuzis.  
Escapo da emboscada para chegar à escola.  
“Mãe, ele não viu que eu estava de uniforme?”  
“Mãe, tenho sede, muita sede”.  
Morro no corpo de Marcos Vinicius.  
Fez 14 anos. Não fará mais.

Desvio do Caveirão para bater o ponto.  
Mas quando termina a semana  
a caminho de um chá de bebê,  
80 disparos me alcançam no corpo de Evaldo.  
Evaldo era músico. Não será mais.

SOU O POVO DA QUEBRADA  
SOB UM EXÉRCITO DE OCUPAÇÃO.

No espaço vermelho dessa estrela  
calibro o timbre de minha voz.  
Já não quero falar pela boca dos outros.  
Ainda que sejam meus irmãos.

Quero é a fala dos atabaques!  
Quero a fala dos tamborins!  
Porque aqui, no espaço de minha estrela,  
apartei a marteladas da pedra muda que fui,  
os primeiros vagidos de minha voz.

Quando balbucio palavras ainda vestidas de medo  
ou quando arranco a roupa do medo  
e alcanço a entonação do grito, na voz de Clara,  
ele me vem como gemido assombrado de uma cuíca  
ecoando na solidão da noite. Na solidão dos séculos.  
Aí imprimo no peito em fogo e ternura, um nome.  
Muitos nomes. A infinita procissão de nomes:  
Ganga Zumba, Acotirene, Dandara e Zumbi dos  
Palmares.  
Chica da Silva, Lourenço do Caldeirão,  
Francisco José do Nascimento, o Dragão do Mar,  
João Cândido, que a Chibata não dobrou,  
Patrocínio, Luís Gama, Rebouças, José Pureza,  
Oswaldão...

Até pisar o chão de Vila Euclides  
e mergulhar no mar de rostos de todas as cores.  
As cores de meus irmãos.  
Os sonhos de meus irmãos de fresa e de torno.  
Para ouvir a voz do peão brotar do meu próprio  
peito,  
temperada de negro e da história desse silêncio de  
séculos,  
e levantar com sua palavra e nossas mãos  
esta oficina de modelar sonhos, há quarenta anos.  
E então me chamar Benedita, Paim, Josimo Tavares,  
Edson Santos, Lélia González, Vicentinho,  
Avelino Preto, Antônio Pitanga...

Mas poderia me chamar Marielle Franco,  
um fantasma que assombra condomínios de luxo,  
Ágatha Félix despida da capa  
e do sonho de mulher maravilha.

Quando falo a língua do povo,  
quando vivo a vida do povo,  
quando morro a quotidiana morte do povo,  
quando meu Povo de Santo me busca  
e, na quebrada, me encontra  
ao alcance dos olhos e de suas esperanças,  
me faço governo, me faço serviço:

*(A população negra alcançou a maior mobilidade  
social ascendente da história do Brasil, nos  
governos do PT: aumento real dos salários,*

*reconhecimento dos direitos das domésticas,  
Minha Casa, Minha Vida, Bolsa Família,  
Prouni, hoje os estudantes negros são maioria nas  
universidades públicas do Brasil.)*

Quero é a fala dos atabaques!  
Quero a fala dos tamborins!  
Porque aqui no espaço dessa estrela,  
apartei a marteladas da pedra muda que fui,  
os primeiros vagidos de minha voz!

Brasília, 2019.

## Matadouro Brasil

(Notícia sobre um genocídio tropical)

Humano não é o impulso  
de partilhar a sorte de alguém,  
cujo rosto nunca vimos,  
mas por algum sinal do sangue  
na parede ou no destino  
reconhecemos irmão?

Quem de nós ignora  
que morremos um pouco  
no corpo que tomba  
ao nosso lado, alvo de um balaço  
ou sufoca a caminho do hospital?

Afinal, o que foi feito do berço  
de águas e verdes e afetos  
que imaginávamos cultivar?

O que foi feito dos sons  
do surdo e do tamborim,  
da sanfona, triângulo e zabumba,  
da viola sertaneja que nos acalentaram  
e desenharam o mapa dos nossos corações?

Devastado pela dor e pelo ódio,  
já não reconhecemos como o lugar  
que moldamos para nascer e amar  
na geografia afetiva da alma.  
A palavra do poeta seja sopro



sobra a brasa adormecida  
de nossa indignação.  
E possa acender as chamas  
da ira diante do intolerável.

Não temer a ira!  
A sagrada explosão da ira  
diante do injusto  
é que nos faz humanos!

Pergunto aos palácios de vidro  
erigidos pelas mãos dos pedreiros candangos:  
que país será construído  
sobre os ossos dos povos  
condenados ao matadouro?

Guarani, kaiowá, Yanomami,  
Krenak, Cinta-larga, Tikuna,  
Karajá, Suruí, Caiapó, Rikbatsa,  
Tapirapé, Kaxinawá, Parakanã, Kamaiurá...

Os Xavante,  
sobreviveram ao fio do facão,  
aos incêndios e aos massacres.  
Às roupas contaminadas com sarampo,  
à ferocidade do latifúndio,  
devorando veredas e buritizais.  
Sobreviverão alcançados  
pela maldição do vírus  
e pelo silêncio cúmplice dos genocidas?  
Ouço na Esplanada

sob o violento azul do inverno  
de nossas desesperanças um difuso clamor.  
Que minha voz ecoe o pranto  
das mães Yanomami  
em busca dos corpos de seus filhos enterrados.  
A morte aqui tem nome e lugar:  
favelas, mocambos aldeias, quebradas...

O inverno já nos alcança  
enquanto ainda buscamos flores  
da primavera pública que se perdeu...  
vão coroar a tumba dos encantados  
nessa semeadura de cruces.

Hoje, cinquenta e seis mil mortos,  
sufocados pela peste,  
batem à porta do genocida.  
Quem responderá pelas vidas  
que a indiferença transformou em cruces?

Sobre nós o sol  
e o olho do drone.  
O olho do drone não chora,  
não conhece o sal das lágrimas.

Registra a morte, apenas.  
Uma geométrica colmeia de assombros  
cavada no barro vermelho  
do coração do país.  
O olho do drone registra o plantio

para entregar um dia aos segadores  
a sinistra colheita da morte.

O país dos abraços  
aprende na dor  
das distâncias medidas,  
um novo idioma de gestos:  
eu te amo  
mas não te toco.  
Eu te amo  
e porque te amo,  
não te toco.

Contra o escárnio,  
que a palavra do poeta  
seja sopro e se faça vento  
sobre a brasa adormecida  
de nossa indignação.

Brasília, junho de 2020.

## O Dia dos Insurgentes

(Aos que pararam o Brasil na Greve Geral de  
28 de abril de 2017... 14 de junho de 2019...)

*“A um gesto seu, laborioso, o silêncio baixa sobre as  
cidades. E tudo o que antes se movia, estanca.  
Quando assim deseja sua mão poderosa.”*

O sol se levanta sobre cidades vazias.  
Hoje, a imagem virtual se faz gesto.  
Concreto, corporal, denso:  
na praça, na estação cerrada,  
na moenda que não gira  
para esgotar o suor do corpo.

Não há voos. Só o dos pássaros.  
Sem as mãos do petroleiro  
o óleo não brota do mar.  
Da linha de montagem, em silêncio,  
hoje não sairá uma única unidade.

A composição não rola  
sobre os trilhos  
para conduzir os submissos  
ao posto onde consomem  
um dia dentro de outro dia  
a vida gris que lhes coube.

Os dedos incontáveis da multidão  
de carne, ossos e sonhos prendem  
o espesso tecido de nossas esperanças  
que agora se estendem sobre a cartografia  
do país: bandeira desatada  
à maneira das chuvas de março.

Sobe desde a raiz da indignação  
a seiva bruta que alimenta  
o primitivo sentido de justiça  
e nos faz a todos insurgentes

contra a ordem da delação, da vilania,  
do engano, da traição, da hipocrisia.  
Contra a lógica de choque dos assaltantes  
que nos saqueiam a casa antes que amanheça.

Sementes de fogo iluminam avenidas desertas.  
Contribuem talvez para dissipar a noite  
e suspender a manhã que anunciamos.  
Não vamos, em nome da paz,

– porque não haverá paz para os saqueadores –  
domar a vontade de fazer em pedaços  
a república que funda seus alicerces  
sobre o pântano das delações.

Que se liberte o fogo,  
onde o fogo for necessário  
para que ouçam a voz

dos que sacodem,  
ainda inocentes de sua força,  
as estruturas dessa edificação,  
em véspera de ruína.

Se o ódio é a lavoura do mal  
cultivada no veneno das noites  
e da amargura,  
a ira é a explosão do espírito  
frente à injustiça.  
Já não há rebanhos de cordeiros  
marchando dóceis rumo ao matadouro.

Recusamos o destino  
que o olho único do ciclope nos oferece.  
Com as mesmas mãos que hoje paralisam o país  
sabermos tecer com fios de espanto  
outros destinos possíveis.

Não seremos devolvidos à senzala.  
Já inventamos quilombos.  
Não seremos devolvidos à senzala.  
Já subimos às favelas.  
Já recusamos o cativoiro.

Mal aprendemos o sabor da liberdade  
e nos damos conta de que é preciso  
vazar, sem piedade,  
o olho onipresente do ciclope  
que nos hipnotiza, nos cega,

nos reduz, nos escraviza.  
Chega o tempo de acelerar  
o impulso das horas  
e dizer ao país que somos  
as mãos que movem as cidades,  
e plantam o grão que nos alimenta.

Hoje, a palavra se fez gesto.  
E o gesto se fez classe.

Brasília, 1o de maio de 2017.

## Contra seu ventre, nascemos...

*(Para ser lido em voz alta nas vigílias  
em defesa da democracia)*

### I.

Armazém das utopias. Cais do Porto.  
Descrevemos uma larga parábola  
como se desenhássemos a cartografia  
de um improvável regresso  
ao que fomos um dia (e já não somos)  
ao largar do porto de partida:  
um chão de fábrica,  
um remoto campo de futebol.

Aqui estamos num verão tardio  
sobre esse chão castigado por séculos de suor.  
Salgado pelos pés de negros e estivadores.  
Os rostos marcados por tantas batalhas.  
E essa luz de estrelas,  
talvez extintas,  
nos fere o coração mais uma vez.

Envolvido pela algaravia de vozes,  
pelo calor dos corpos,  
esperanças e enganos que me cercam,  
teço com os dedos do espírito,  
num relâmpago,



como na tela plana de um computador,  
essa íntima geografia de tempo e silêncio  
por onde miro as sólidas estruturas de ferro,  
tijolo e sonhos  
que nos abrigam, por um momento,  
da ferocidade dos inimigos.  
Contemplo a fria lâmina dos ódios  
que desatamos.  
Temperada por séculos no fogo lento  
dos banguês, das caldeiras  
desse engenho tropical de mando  
movido à surda força de espora e rebenque  
e penso:

como podemos esperar um ato  
de contenção ou respeito  
da mão que nos desce o látigo  
sobre o lombo em carne viva?  
E maneja a lâmina, de golpe,  
contra a cabeça de quem se levanta?

A mesma mão guiada pela fúria  
de quem, dia após dia,  
por vergonha,  
desejou nos encarcerar no ventre?  
E nos negar a luz e o ar que respiramos?  
E nos calar a voz e interditar o gesto?  
Essa ibérica senhora coberta de rendas,  
e arrogância,  
habitante do solar da Casa Grande,

para quem nunca deveríamos ter nascido?  
E saber que apesar dela nascemos...  
Contra seu ventre nascemos...  
renascemos todos os dias,  
como se fôramos uma vingança da vida,  
com outra luz, que ilude o cerco da sombra  
e acende aqui uma nova face,  
outra estrela recolhida  
no estoque infinito de utopias,  
renascemos...

## II.

Que a cidade possa nos ouvir  
desde o Cais do Valongo.  
Que o país possa nos ouvir  
pela voz sobrevivente de João Cândido,  
um dia enterrado em cal virgem.

Renasce aqui o rumor das ruas  
entre a canção e o grito  
que desata de dentro das veias  
para alcançar os ouvidos da multidão  
anestesiados pela Hidra de Lerna  
ou do Jardim Botânico? Pergunto.

Será esse o lugar  
onde viemos beber canções  
pisadas pelos pés de negros,  
guiados pela batida dos tamborins,

que se ouvem nos becos da Lapa,  
nos morros da Providência e da Conceição  
para retomar a marcha?  
Aprendemos nos Pelourinhos  
que não se palmilha  
desertos tão vastos, sem recuos.  
Sem erros na rota que traçamos  
e o vento varreu do areal durante a noite.  
Sem traições, desvios, vilanias.  
Sem as perdas de muitos  
que a tempestade apartou de nós.

Sei, desde tempos subterrâneos,  
que não estão vendados os olhos da Justiça.  
Que Justiça pode fazer a justiça de um a só face?  
Que Justiça pode fazer a justiça de classe?  
Mira com um olho só  
a justiça dos meninos de granja.

Invocamos nossos santos e orixás,  
nossos combatentes e sua memória  
para redesenhar o percurso.  
Repercute no peito o som do surdo.  
Ecoa a cadência de um samba antigo,  
sempre novo, para alimentar  
esse delírio que nos assalta a medula:  
fomos condenados à liberdade.  
Seguiremos proscritos  
por uma ordem sem remédio.  
Alimentados pela voz rouca do peão

que não se dobra ao açoite.  
Devo curvar-me até ao chão  
para recolher os estilhaços da estrela,  
a palavra e o sal  
ue sustentam nossas dúvidas  
e nossas certezas:  
não seremos expulsos do tempo  
que nos coube viver.

Contemplo vigas tijolos, palavras.  
Os rostos. Os corações abertos.  
As cores, os abraços. As lágrimas.  
Os olhos das pessoas inundados  
pelo sublime veneno da esperança.  
Estamos de pé,  
para retomar a marcha interrompida.

Agora é a vigília.  
Agora é a rua, a praça, os becos, os morros, os cais,  
os corações.  
O chão da fábrica, o assédio à cerca do latifúndio.  
As escolas ocupadas pelos que nasceram depois de  
nós.  
A guerrilha digital contra a acidez do ódio  
que sonha dissolver a invencível alegria de nossa  
gente.  
Acreditem, os sonhos do ódio não vingam.

Rio, 27/02/2016  
Brasília, 10/03/2016

## O que somos nós senão bandeiras?

*“O tempo de saber que alguns erros caíram e a  
raiz da vida ficou mais forte e os naufrágios  
não cortaram essa ligação subterrânea...”*  
(Drummond)

I.

Encarcerado bate no peito  
o coração de um país.

Há um país submerso nos oceanos do sul,  
submerso na memória do sul,  
aquela memória que não erigiu monumentos  
e busca recompor seu passado de areia e ventos.

Há um país que espanta por seus abismos...  
Um país ao sul da memória,  
sempre ao sul dos nossos sonhos.

Nas ruas, no Paço, nos Estádios,  
nas assembleias, nas greves,  
nos sindicatos, ao pé dos tornos,  
no eito,  
na correria das ocupações  
onde nascemos,  
sob a fumaça das bombas

e das explosões  
se erguiam bandeiras  
e canções.

O que somos nós senão bandeiras  
que passamos de uma a outra mão  
sobre o tumulto?  
Geração após geração?

(Na batalha que não cessa,  
hoje, o inimigo aboliu  
o direito antigo, desde Tróia,  
de acompanhar e sepultar os mortos).

Encarcerado, o coração do país chora,  
se evade  
e pulsa dentro dos nossos corações.

II.

Traço na sombra um esboço  
do pesadelo circular que nos sitia  
para adivinhar-lhe o contorno:  
preciso incendiar a escuridão que me cerca  
para vislumbrar a cara da Esfinge  
que devora meu país.

Não sei se será longa a noite do Espantalho.  
Não importa.  
Quero meus olhos ardendo como estrelas

frente aos espelhos rotos  
capazes ainda de capturar alguma réstia de luz.  
Quero seguir acendendo  
as fogueiras dos acampamentos  
como quem move mecanismos de amanhecer.

Tomo tuas mãos e costuro com elas  
uns trapos humildes  
para recolher sonhos despedaçados  
ao lado das crateras em torno de minha casa,  
abertas pelo fogo dos inimigos.

Durante as noites transporto água  
e lágrimas para fazer delas  
as lagoas azuis onde cultivo peixes  
e sonhos que não me abandonam.

Como antes, nos anos de chumbo,  
invento uma arquitetura de orvalhos  
para vencer as engrenagens da noite,  
dissipar a escuridão,  
a tempo de contemplar  
o Espantalho coberto de passarinhos...

III.

Não pedirei perdão  
ao tribunal dos inimigos  
que acalentam desde sempre  
o sonho do cepo e do machado

sobre minhas mãos.  
Para não permitir que se corte  
essa ligação subterrânea  
entre o sonho que me alimenta

e a vida bruta  
dos sustentadores da vida,

regresso ao espaço baldio  
do coração do povo  
há longos anos ocupado  
pela palavra dos inimigos.

Aqui me curvo diante  
de Dorcelinas e Margaridas e Marielles,  
diante do metalúrgico, pedreiro, sem-terra,  
dos filhos de Zumbi e Apoena em Parabubure,  
diante dos sustentadores da vida  
para dizer-lhes:  
quando havia pão sobre a mesa  
e o riso e a fartura  
não houve minha palavra,  
quando havia trabalho,  
quando havia futuro  
não houve minha palavra,  
quando havia liberdade,  
não se ouviu minha palavra.  
E o silêncio, por fim, devorou minha palavra.

E a palavra do inimigo  
submergiu-a como a lama



de Mariana e Brumadinho  
deitou-se sobre o corpo das pessoas  
e a alma dos rios.

Sem conceder ao cansaço,  
modelo com paciência  
uma roda de conversa,  
um gesto de carinho,  
uma palavra de esperança,  
um chip, um zapp, um post,  
sou, a um só tempo,  
a mão que modela  
e o próprio instrumento:  
sou toda comunicação,  
sou inventor e invento.

O coração encarcerado  
que pulsa em nossos corações  
engendra no infortúnio  
o coração do futuro.

Que os demônios da ternura  
nos esqueçam quando  
reinventarmos a próxima madrugada...

Brasília, 10 de fevereiro de 2019



*Este livro foi produzido há 14145 dias após o fim da  
Ditadura Militar no Brasil. Nas tipografias Garamond, pólen  
80 gr/m2 e impresso em dezembro de 2023.*





**“Somos a perigosa memória das lutas.  
Projetamos a perigosa imagem do sonho.  
Nada causa mais horror à ordem  
do que homens e mulheres que sonham.  
Nós sonhamos. E organizamos o sonho.”**

**POSSUI 17 POEMAS - PRODUZIDOS NO BRASIL**